

A indecisa Flora

Marco Aurélio Salera Castro

Graduando em Sociologia e Política pela FESPSP
(msaleracastro@gmail.com)

Gabriel Cardoso Gonzaga

Graduando em Sociologia e Política pela FESPSP
(gabrielbin@gmail.com)

“Vivemos através de um direito sonâmbulo” (ANDRADE, 1928, p. 3). Sim, o direito brasileiro, a moral brasileira, existe. E isto já nos afasta do lugar comum que vê o Brasil como a ausência das regras ou interesses. Como uma ausência de um modo de ser. O problema destacado no Manifesto Antropófago (ANDRADE, 1928) não é a não-existência deste, e sim o modo como este se realiza no mundo.

Um indivíduo sonâmbulo não é inerte. No sentido figurativo, inércia é a ausência de ação que resulta em estagnação. Se qualquer distúrbio de sono se caracteriza por uma movimentação anormal, não é sobre imobilidade que fala essa passagem do manifesto.

O indivíduo sonâmbulo exerce ação. Levanta. Anda. Mexe-se. Porém sem despertar completamente. Age totalmente de forma inconsciente. E é sobre isso que tratou o Manifesto Antropofágico, publicado na Revista de Antropofagia, em maio de 1928. Sobretudo, trata-se do modo como a nação brasileira age, e não sobre se o Brasil age. “Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará. Mas nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós” (ANDRADE, 1928, p. 3).

Mas antes do século XX, a arte brasileira já falava sobre um projeto nacional. Antes dos modernistas, este “sonambulismo” já era percebido para ser objeto das artes. O penúltimo romance de Machado, *Esau e Jacó*, é considerado um dos mais maduros do autor. Escrito em 1899 e publicado em 1904, o livro expressa um rompimento total com as características estilísticas de um clássico romance do século XIX. Dá a sensação ao leitor de que nada aconteceu: “De fato, a obra ideal aqui parece ser uma obra sobre o nada, capaz de imitar a passagem do tempo” (ASSIS, 2012, p. 10). Em termos literários, o autor passou do Romantismo ao Realismo causando uma revolução de dentro do estilo brasileiro na época.

O pano de fundo e tempo da obra se desenvolvem durante a transição do regime monárquico para a república. Os personagens Pedro e Paulo são metonímias que representam estes regimes. Pedro, a Monarquia e Paulo, a República. Entre a relação conflituosa destes irmãos surge Flora, que representa um ponto de interesse e convergência entre os dois. Embora os gêmeos fossem opostos “ab ovo” um ao outro, é importante ressaltar que esses pontos de convergências sempre irão existir na relação dos dois. No entanto, o ponto em comum entre Pedro e Paulo não é sobre amor. Trata-se de uma chave de

interpretação para compreender os dois conceitos políticos que transitavam na época. As questões históricas do Brasil se entrelaçam com os personagens. A da independência e libertação dos escravos. Num paralelo singular, o autor revela aspectos psicológicos dos personagens que representam o tema da independência e do medo à liberdade.

O que é a “inexplicável” Flora, de Machado de Assis, senão a manifestação deste sonambulismo? Flora não pode ser compreendida, nem pelo o personagem mais inteligente do enredo, Aires, intermediador de tudo que podemos conhecer dela. A personagem é sempre descrita por ser “inexplicável”, mas este caráter incompreensível vem da falta de uma expressão exteriorizada e consciente da personagem.

[...] a jovem se comunica por meio de seu apagamento, de sua fantasmagoria. Tem-se a impressão de que Flora pode e vai fenecer a qualquer momento. Ao contrário de personagens acabadas, completas, Flora parece ser construída ao longo de toda a narrativa, ela é descoberta pelo leitor a cada parágrafo. (HARDMAN; JOANA, 2012, p. 39)

Flora deseja tudo, de ambos os irmãos. Age encantada pelos dois, pela monarquia e pela república. Ama tanto Pedro como Paulo, mas é incapaz de escolher por um. Pois um completa o outro, de modo que a personagem deixa o curso do acaso dos encontros determinar a intensidade do interesse por cada irmão. Ou por cada regime. Escolher, seria o mesmo de deixar a outra parte e deixar alguma parte, nunca foi a intenção da personagem.

A indecisão de Flora é tamanha que é capaz de enlouquecê-la e matá-la. E talvez este seja o “nada” de que fala Hélio Guimarães na introdução da obra, a indecisão. Mas é importante perceber que este “nada” retrata uma primeira impressão sobre a personagem.

O nada aqui é a não concretização de uma escolha da personagem. Mas isto não faz dela totalmente vazia. Flora está a todo momento olhando para as duas possibilidades, sejam afetuosas ou políticas, sentindo-as, medindo-as e analisando-as. A existência do interesse já faz dela uma personagem ativa. Interessar-se já demonstra um combate a inércia.

O problema de Flora não é o desinteresse pelos fatos e sim, não conseguir agir racionalmente com eles. Este dilema também se expressa na passagem em que o confeitiro Custódio busca sugestão do Conselheiro Aires sobre qual nome pintar na placa de sua confeitaria. Custódio tinha medo que, ao pintar a placa com o nome “Confeitaria do Império” fosse perder a freguesia a favor da República. Porém se pintasse com o nome “Confeitaria da República” perderia a freguesia imperial. Em ambas as situações os personagens Flora e Custódio não conseguem concretizar uma decisão, por mais conscientes que fossem. “Ao perceber isto, Aires não admirou menos a sagacidade de um homem que em meio de tantas tribulações, contava os maus frutos de um equívoco” (ASSIS, 2012, p. 171). E após várias sugestões dadas pelo Conselheiro e refutadas pelo Confeitiro o mesmo conclui: “Sim, vou pensar, Excelentíssimo. Talvez convenha esperar um ou dois dias, a ver em que param as modas, disse Custódio agradecendo.” (ASSIS, 2012, p. 171).

Temos aqui uma clara evidência de que havia uma análise concreta e minuciosa por parte do Confeitiro sobre todos aqueles aspectos políticos que se passavam e consequências que um eventual posicionamento poderia lhe causar. Porém, o Confeitiro, assim como Flora, deixa o correr dos dias na esperança de que se chegue a um resultado pleno, que satisfaça todas as suas ambições e interesses. Flora e Custódio não

estavam alheios aos acontecimentos, ambos podiam prever as consequências, perdas e ganhos sobre o resultado de suas escolhas, talvez o grande impasse, fosse convergir todos esses interesses em um lugar único, em uma única pessoa, em uma única placa ou em uma única identidade nacional. Como diria Sérgio Buarque de Holanda em sua obra “Raízes do Brasil” (1995), sem deixar seu caráter de “homem cordial”, que nada mais é que o produto da nossa história, originada ainda na colonização portuguesa, de uma estrutura política, econômica e social completamente instável de famílias patriarcais e escravagistas. Trata-se de um homem de:

[...] expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade - daremos ao mundo o homem cordial. A lhaneza [afabilidade] no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar boas maneiras, civilidade. São antes expressões de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante. Nossa forma ordinária de convívio social é, no fundo, justamente o contrário da polidez. (HOLANDA, 1995, p. 146-147).

Bom exemplo de um “homem cordial” seria a própria figura do Conselheiro Aires. Sua personalidade conciliadora e cordata é salientada ao longo de toda a obra, conforme a passagem: “Tinha o coração disposto a aceitar tudo, não por inclinação à harmonia, senão por tédio à controvérsia” (ASSIS, 2012, p. 56). Ou seja, um homem dominado pelo coração e que na ausência de uma lógica própria é incapaz de tomar uma ação direcionada, agindo tal

qual um “sonâmbulo político”, movendo-se sem saber ao certo para onde.

A situação a qual vivenciava o Brasil não passava despercebida pelos personagens de Esaú e Jacó, deixando subjacente que os gritos por mudança culminaram com a República. Um cenário rico em detalhes sobre a história conta, nas entrelinhas, o não dito. Como toda obra artística literária, esta também tem estrutura de metáfora: diz o que o autor quis dizer, mas revela outra coisa. Assim, o autor sugere que todo brasileiro da época tinha o desejo e o desgosto de ser estrangeiro no seu próprio país, o que talvez ainda persista.

Custódio não se posiciona por interesses particulares. Aires é a expressão do ser conciliador já descrito acima e, melhor ainda, pelos escritos citados. Mas e Flora? Porque a personagem, cujo nome expressa a esperança que existe no florescer, também não posiciona-se?

Flora não podia escolher porque nem Paulo ou Pedro a completariam. As qualidades que dividiam os irmãos, a conversa e o piano, eram a completude de Flora. Nem o pensamento monarquista ou republicano cabia ali. Os ideais liberais importados da Europa não condiziam com a realidade escravagista brasileira. Roberto Schwarz, no ensaio “As ideias fora do lugar” (2014), problematiza a desconexão destes ideais importados com a realidade brasileira. Enquanto o moderno era o trabalho assalariado e especializado como base da produção, no Brasil fazia-se o lucro com trabalho escravo. Apesar da burguesia brasileira gritar pela liberdade do mercado, seu modo de produção latifundiária era a expressão material de uma incoerência tamanha deste discurso. (SCHWARZ, 2014)

Quando o apelo modernista diz que “não admitimos o nascimento da lógica entre nós” (ANDRADE, 1928. p. 3), é o nascimento desta lógica falha, que distorce a realidade brasileira, ao invés de explicá-la, que não admitimos. Mascara os interesses individuais burgueses e perpetua um não entendimento real das particularidades brasileiras.

Trazendo de países distantes nossas formas de vida, nossas instituições e nossa visão do mundo e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos uns desterrados em nossa terra. (HOLANDA, 1995, p. 31)

Roberto Schwarz, mostra que não é à toa ou por ingenuidade que permanecem vigentes essas concepções de mundo, republicanas e monarquistas, descoladas da realidade. Essas ideologias defendem interesses próprios destes grupos e produzem indivíduos que não conseguem entender sua própria realidade, como Flora.

A indecibilidade de Flora, ideia trabalhada por Joana Hardman, é resultado deste conflito ideológico. Flora não é uma personagem firme, está sempre sendo descoberta e, por isso, fica distante um entendimento de um todo desta personagem. Até mesmo o mais inteligente, o Conselheiro Aires, não a compreende. “Aires, (...) acreditava que a moça viria a ser uma inexplicável.” (ASSIS, 2012). Flora, indecisa e inexplicável, é resultado deste conflito de ideias entre Pedro e Paulo, entre Monarquia e República, no qual as ideias distorcem e mascaram a realidade, em benefício de grupos particulares. “Flora é a representação da loucura causada pela indecisão, pela espera da plenitude que, por não chegar, causa um desgosto tão profundo que leva à morte.” (HARDMAN, 2012, p. 42)

A “comédia ideológica” brasileira explica a indecibilidade de Flora e o “nada” que trata Esaú

e Jacó. A personagem segue toda a obra agindo desordenadamente a ponto de perder a consciência frente aquela dúvida. Frente a dúvida entre dois ideais, mas que não eram seus. Flora não floresce, pois, ideias de outros povos não cabiam a ela. Foram estas que mascararam nossos próprios egoísmos a ponto de não nos permitir compreender a totalidade do Brasil. Talvez ainda seja preciso escutar os modernistas. De nada adiantou transportar ideias sem transformá-las. “Só a Antropofagia nos une”(ANDRADE, 1928. p. 7).

Referências bibliográficas

ASSIS, Machado de. Esaú e Jacó. 1 ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

ANDRADE, Oswald de. Manifesto antropófago. Revista de Antropofagia, Número 1, p 3 e 7, maio de 1928. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/sergioalcides/manifestoantropofago.pdf>

HARDMAN, Joanado Prado Melo. Flora e a indecibilidade em Esaú e Jacó: Panorama da figura feminina na obra machadiana. 2012. 50 f. Monografia (Graduação em Letras) – Instituto de Letras Departamento de Teoria Literária e Literaturas Monografia em Literatura, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/3979/1/2012_JoanadoPradoMeloHardman.pdf>

HOLANDA, Sergio Buarque de. Raízes do Brasil. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar: ensaios selecionados. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.